

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DO TALHE DA PEDRA NA IDADE DO BRONZE DA ESTREMADURA: O CONJUNTO DO CASAL DA TORRE (TORRES NOVAS)

António Faustino Carvalho¹

1. INTRODUÇÃO: O SÍTIO E OS TRABALHOS REALIZADOS

O sítio arqueológico designado por Casal da Torre, que se localiza administrativamente na freguesia de Assentiz e concelho de Torres Novas, foi descoberto em 1994 durante acções de prospecção arqueológica levadas a cabo no âmbito do projecto de investigação “Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e dos Candeeiros”, dirigido por J. Zilhão. A sua descoberta foi proporcionada pela evidência de terras negras, carbonosas, associadas a material cerâmico, visíveis num corte resultante da extracção de terras acumuladas no fundo de uma pequena depressão integrada no sector nordeste do Arrife da Serra d’Aire. Realizadas logo nesse ano, a abertura de sondagens e a limpeza de um corte visaram determinar o contexto estratigráfico daquele nível arqueológico e uma caracterização cronológica e cultural do mesmo, tendo sido então possível concluir que se estava perante uma única ocupação atribuível à primeira Idade do Bronze, ou Bronze Pleno (CARVALHO *et al.*, 1999). Concorreu para esta conclusão a composição tipológica da componente cerâmica do Casal da Torre, a qual tem paralelos em sítios estremenhos — Agroal, em Tomar (LILLIOS, 1993), e Catujal, em Loures (CARDOSO & CARREIRA, 1993) — que dispõem de datações absolutas que cobrem a passagem do III para o II milénio a.C., pelo que deverá ser esta também a cronologia do sítio torrejano.

Porém, a continuada extracção de terras obrigou à realização subsequente de duas campanhas de escavação de emergência, realizadas em 1999 e 2000 sob a direcção de F. Neto e A.F. Bragança, trabalhos que, dados os importantes resultados que se obtiveram, tiveram continuidade em 2002 e 2003 desta feita enquadrados no projecto “*Habitats de ar livre do Bronze Pleno da Serra d’Aire*”, tendo sido conduzidos por aquelas arqueólogas em colaboração com M.J. Jacinto, responsável pelo referido projecto. Os objectivos destas quatro campanhas de escavação, cujos resultados permanecem inéditos, visaram em essência a delimitação espacial do sítio arqueológico e a recolha de uma amostra artefactual mais numerosa, pelo que, em termos de estratégia de escavação, se optou pelo alargamento sucessivo das sondagens existentes e a intervenção noutras sectores do povoado. Uma das novidades trazidas por estes trabalhos foi a identificação de um nível arqueológico (residual?) atribuível ao Neolítico Antigo; todavia, de um modo geral, pode concluir-se que estas últimas escavações confirmaram a inserção cronológico-cultural e a caracterização artefactual do sítio ensaiadas no artigo acima referido. Infelizmente, não foi possível recolher elementos passíveis de datação pelo radiocarbono, pelo que a cronologia do Casal da Torre continua a deduzir-se a partir da integração regional da sua produção cerâmica.

Uma das observações mais significativas produzidas no decorrer dos trabalhos que se têm vindo a descrever é a do reconhecimento da existência de práticas metalúrgicas. Com efeito, em 1994 fora possível recolher um

¹ Universidade do Algarve, F.C.H.S., Campus de Gambelas, 8000-117 Faro. E-mail: afcarva@ualg.pt

pedaço de metal de superfícies alteradas cuja reinterpretação da análise inicial, levada a cabo por W.K. Barnett, concluiu tratar-se, não de um pingo de fundição, tal como proposto por aquele autor, mas sim de cobre nativo (CARVALHO *et al.*, 1999, p. 69); depois, em 2003, foi descoberto um punção ou escopro que, analisado no Instituto Tecnológico e Nuclear por espectrometria de fluorescência de raios-X, se concluiu ter sido fabricado em cobre arsenical². Porém, outro dos aspectos que então notabilizou esta ocupação do Bronze Pleno foi a recolha de uma significativa indústria em pedra lascada. Dado que os trabalhos posteriores a 1994 permitiram aumentar a amostra lítica disponível para análise, é assim hoje possível desenvolver as considerações iniciais a seu respeito, o que se constitui como o objectivo do presente texto.

2. O CONJUNTO DE PEDRA LASCADA: UM USO DIFERENCIADO DAS MATÉRIAS-PRIMAS

Numa primeira apreciação deste conjunto de pedra lascada, cuja inventariação geral consta do Quadro anexo, verifica-se que este é constituído por sílex, quartzito e quartzo, repetindo em suma um traço geral das indústrias líticas da Pré-História recente do Maciço Calcário Estremenho. Note-se que as duas últimas rochas são de aprovisionamento local, estando disponíveis sob a forma de seixos rolados nos terraços fluviais da Bacia Terciária do Tejo, que se estende em frente do sítio. Por outro lado, não se conhece qualquer jazida de sílex nas proximidades imediatas do Casal da Torre, pelo menos com a potencialidade de fornecer nódulos a partir dos quais se possam extrair as lâminas robustas presentes naquela inventariação.

A análise do conjunto lítico aponta para que o entendimento dos objectivos do talhe da pedra neste contexto do Bronze Pleno se possa estruturar em torno de três procedimentos tecnológicos principais, que se descrevem de seguida.

2.1. *Obtenção de utensílagens sobre seixo em quartzito (e quartzo?)*

Entre o material talhado em quartzito avulta um conjunto numericamente expressivo de 14 percutores e/ou bigornas (isto é, incluindo casos de peças com ambas as funções) sobre seixo bruto, ou com este previamente talhado de modo a obter-se um gume biselado (tratando-se, portanto, de peças de tipo *chopper*, como a ilustrada sob o n.º 1 da Fig. 1), o qual era utilizado depois como extremidade funcional de percutor (ver Quadro). É possível que as duas peças classificadas como núcleos sobre seixo, em quartzo, estejam na realidade associadas a este processo de talhe e que, portanto, esta rocha deva ter sido explorada no contexto das mesmas cadeias operatórias aplicadas ao quartzito.

A abundância relativa de percutores sobre seixo de quartzito, a maior parte dos quais talhados, a par do baixo índice de retoque observado nas lascas desta rocha (as três lascas com retoque correspondem a 6% do total da debitagem), são observações que conduzem à interpretação do material de debitagem de quartzito como resultando do afeiçoamento dos seixos e não necessariamente como tendo sido também o objectivo do talhe (por exemplo, para utilização em bruto). A confirmar-se futuramente esta possibilidade, o material em quartzito não poderá ser interpretado ao mesmo título em que o é o sílex (ver adiante).

A presença de esta componente macrolítica em quartzito em contexto do Bronze Pleno não é, no entanto, inédita. Por exemplo, atente-se aos “machados mirenses” em grauvaque encontrados em nível de concheiro no sítio

² Informação pessoal das responsáveis pelos trabalhos de escavação.

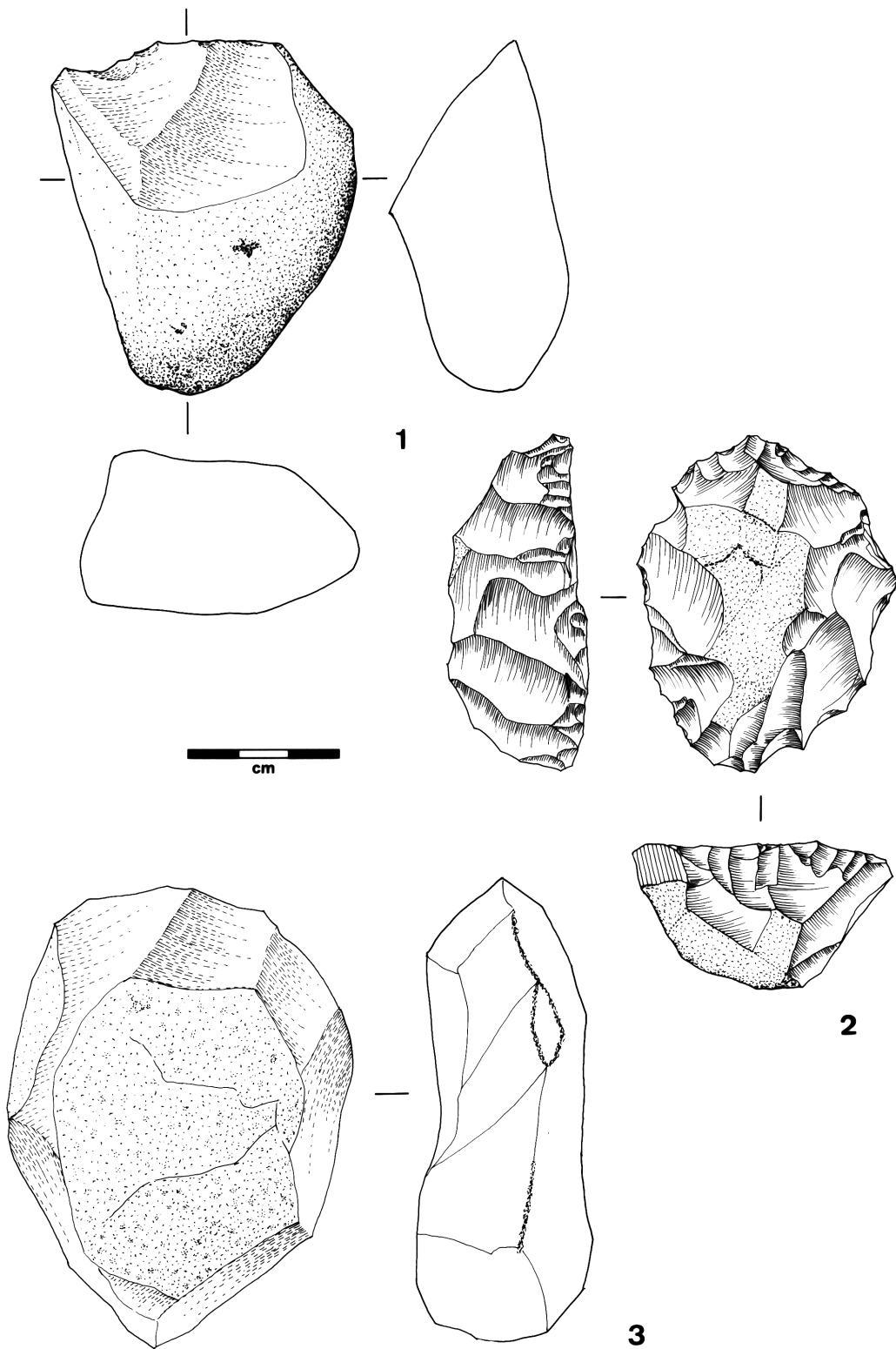


Fig. 1 - 1. Seixo talhado de tipo *chopper*, em quartzito; 2. núcleo discóide para lascas, em sílex; 3. Seixo talhado de tipo núcleo discóide, em quartzito.

Quadro. Inventário geral ^(a)

| | Sílex | Quartzito | Quartzo | TOTAL |
|--|------------|-------------------|-----------|------------|
| Material de debitage: | | | | |
| Lascas corticais | 7 | 15 | 3 | 25 |
| Lascas parcialmente corticais | 12 | 29 | 1 | 33 |
| Lascas não corticais | 29 | 15 | 5 | 54 |
| Núcleos: | | | | |
| Prismáticos, para lascas | 1 | | | 2 |
| Sobre seixo, para lascas | | | 2 | 2 |
| Material residual | | | | |
| Fragmentos | 13 | 4 | 4 | 21 |
| Esquírolas | 14 | 2 | 5 | 21 |
| Utensílios sobre suportes alongados ^(b) | | | | |
| Lamelas | 9 | | | 9 |
| Lâminas | 19 | | | 19 |
| Utensílios sobre lasca | | | | |
| Lascas retocadas | 8 | | | 8 |
| Lascas com entalhes | 2 | 1 | 1 | 4 |
| Denticulado sobre lasca | | 2 | | 2 |
| Raspadores sobre lasca | | 4 | | 4 |
| Utensílios sobre seixo | | | | |
| Percutores sobre seixo talhado | 1 | 10 ^(c) | | 11 |
| Percutores e/ou bigornas | | 6 | | 6 |
| Seixos talhados / fragmentados | 1 | 6 | 2 | 9 |
| Manuportes | | 1 | | 1 |
| TOTAIS | 122 | 86 | 23 | 231 |

^(a) Reúne os materiais da escavação de 1994, já publicados (CARVALHO *et al.*, 1999: quadro 1) e o das campanhas subsequentes. ^(b) Inclui também as peças sem retoque nem sinais de uso. ^(c) Um dos quais representado apenas pela extremidade lascada.

do Catalão, Vila do Bispo, datados de cerca de 1900 cal BC (CARVALHO & VALENTE, 2005), ou na estranha peça de tipo biface, em quartzito, proveniente do povoado do Fumo, no Vale do Côa, datado do mesmo período (CARVALHO, 2004). Se as peças do primeiro exemplo poderão ser, meramente a título de hipótese, conectadas com actividades relacionadas com a apanha de moluscos, dadas as características e localização do sítio, é por outro lado possível conceber a possibilidade de os utensílios macrolíticos do Casal da Torre poderem ter sido utilizados nas etapas iniciais de fabrico dos objectos metálicos associados, isto é, nas etapas de processamento da matéria-prima ainda em bruto³. Esta conclusão necessitaria, contudo, de corroboração traceológica.

2.2. Obtenção de lascas de sílex para uso expedito

De sílex, existe um conjunto de material de debitage composto, no seu conjunto total (isto é, englobando peças em bruto e com retoque), por 54 lascas, das quais 6 foram objecto de transformação por retoque (ver Quadro), o que significa 11% daquele número. A julgar pelas pequenas dimensões gerais destas peças e pelo tipo

³ Segundo informação pessoal das responsáveis pelos trabalhos de escavação que têm vindo a ser levados a cabo nos últimos anos (G. Donoso, M.F. Sousa e C. Magalhães), que permanecem inéditos, no povoado do Fumo foi recuperado um punção em metal, a que acresce o pedaço informe já publicado (CARVALHO, 2004, p. 210). A composição de ambos não foi ainda determinada.

de retoque predominante (curto semi-abrupto), é possível conceber um processo de talhe expedito – do qual o núcleo da Fig. 1, o único recolhido nesta matéria-prima, é bom exemplo – que visasse a obtenção de utensílios cortantes para uso circunstancial e sem significativas alterações morfológicas do suporte original.

Salvaguardadas as devidas diferenças, o conjunto de núcleos e lascas de quartzo do povoado do Fumo, materiais que indicam terem sido obtidos através de estratégias de talhe expeditas (CARVALHO, 2004), constituem porventura o melhor paralelo no actual território português para este processo de talhe registado no Casal da Torre. A principal diferença entre ambas as colecções, para além da matéria-prima utilizada, residirá na presença de pontas seta de retoque invasor no sítio fozcoense.

2.3. *Produção lâmino-lamelar em sílex*

No artigo de apresentação do Casal da Torre, a análise da componente alongada da indústria de pedra lascada (Fig. 2) havia sido apresentada com base em cinco aspectos considerados importantes (CARVALHO *et al.*, 1999, p. 68), que importa agora reavaliar. Desde logo, o facto mais notório desta componente é, de facto, a existência de dois conjuntos métricos claramente distintos. Como se pode ver no histograma de frequências de larguras representado na Fig. 3, existe um grupo de dimensões reduzidas, com larguras centradas no intervalo dos 10-12 mm (módulo lamelar), a par de outro, mais robusto, com larguras compreendidas entre os 18 e >22 mm (módulo laminar). Em termos de efectivos, ao contrário do observado com base nos materiais de 1994, ambos os módulos equivalem-se, com 14 lamelas e 14 lâminas.

Acresce que a esta diferenciação dimensional correspondem também algumas diferenciações tecnológicas que o reduzido número de peças não havia permitido reconhecer no estudo anterior. Assim:

- As peças integrantes do módulo lamelar são sobretudo peças mesiais, num total de 43% (1 inteira, 4 proximais, 6 mesiais e 3 distais), de secções predominantemente trapezoidais (n=8; 57%), com tratamento térmico aplicado a cerca de um terço dos exemplares (n=5; 36%), e com um índice de retoque que se pode considerar baixo (n=4; 29%), sendo em todos os casos retoque curto aplicado nos bordos.
- Entre as lâminas, o predomínio das peças mesiais é também notório, atingindo 50% do total (1 inteira, 3 proximais, 7 mesiais e 3 distais), e apresentam sobretudo secções trapezoidais (n=9; 64%); no entanto, há distinções muito nítidas, em concreto: a inexistência de tratamento térmico em qualquer das peças e o facto de ser visível em todos os 12 exemplares a presença de retoque ou de sinais de uso nos gumes. Com efeito, todas as lâminas devem ser consideradas como utensílios efectivos, os quais se podem organizar tipologicamente do seguinte modo: lâminas de retoque curto / marginal (n=6); lâminas de retoque invasor (n=2); lâminas com entalhes (n=2); raspadeiras sobre lâmina (n=1); e lâminas com sinais de uso (n=3).

O pequeno número de peças com talão conservado impede a obtenção de conclusões significativas quanto aos mesmos. Com efeito, as peças do módulo lamelar apresentam talões punctiformes (n=2), esmagados (n=2) ou lisos (n=1); as peças laminares, por seu lado, apresentam talões lisos, facetados, diedros e lineares (1 exemplar cada).

Um dos traços mais singulares no que respeita aos produtos alongados é o desconhecimento dos respectivos núcleos de onde ambos os módulos terão sido extraídos. Uma hipótese a ter em conta é a da retoma desses núcleos no contexto de cadeias operatórias dirigidas para a produção expedita de lascas (de que seria testemunho, por exemplo, a peça n.º 2 da Fig. 1), tal como explanado atrás. Em alternativa, podem ainda considerar-se duas hipóteses no que respeita especificamente às lâminas robustas:

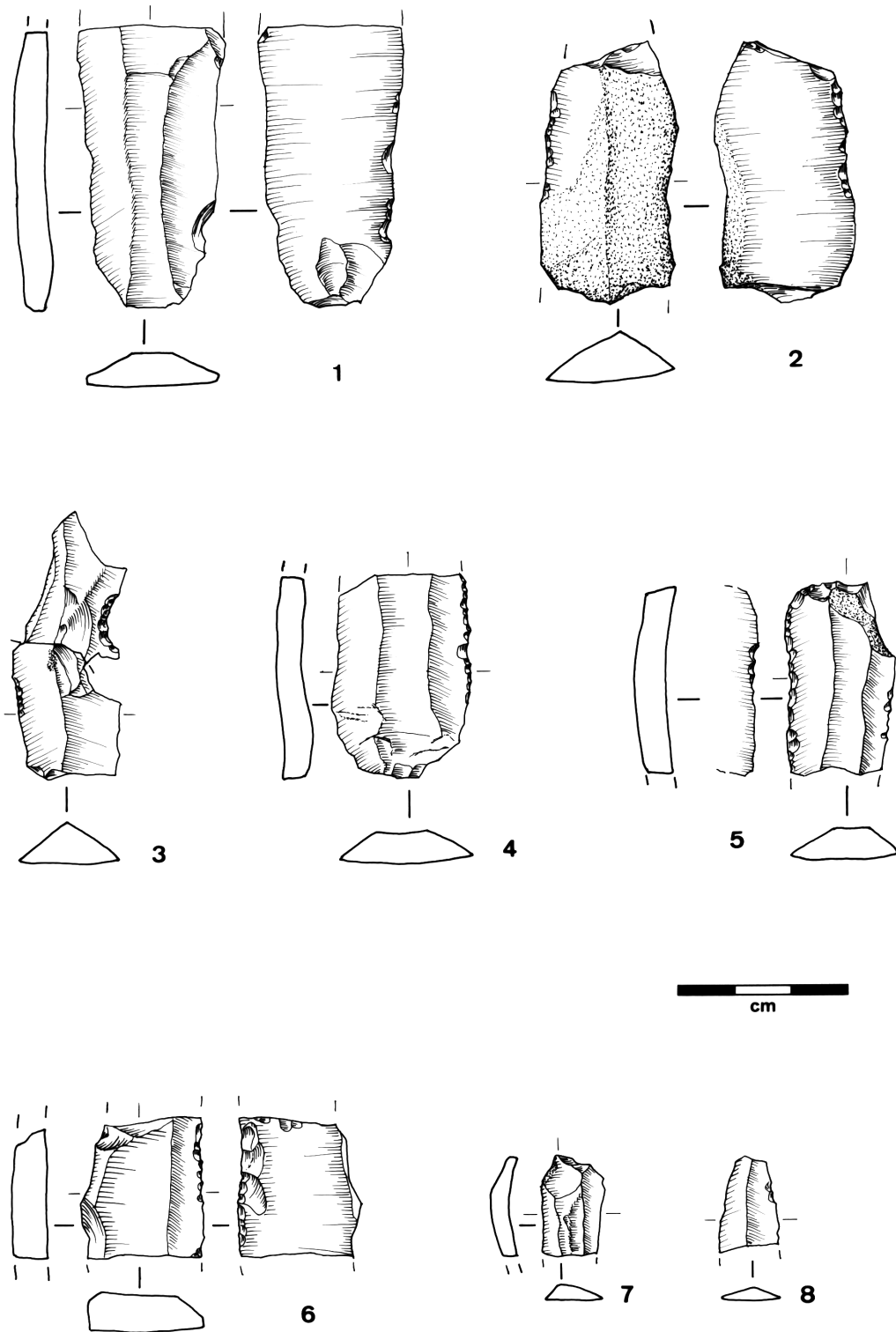


Fig. 2 - 1. Fragmento proximal de lâmina com retoques directos descontinuos; 2. parte mesial de lâmina cortical, com retoques marginais alternos; 3. lâmina com entalhe; 4. fragmento proximal de lâmina com retoque continuo no bordo direito; 5. raspadeira sobre extremo de lâmina; 6. parte mesial de lâmina retocada; 7. e 8. fragmentos distais de lamelas.

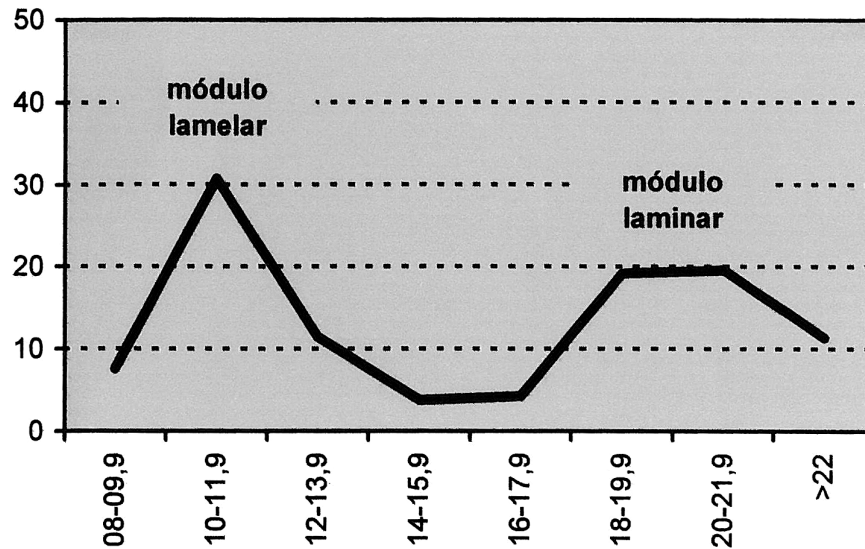


Fig. 3 – Frequências relativas de larguras (em milímetros) dos produtos alongados (lâminas e lamelas).

1. Estas peças poderão ter sido produzidas num contexto de especialização artesanal, ou seja, em oficinas de talhe eventualmente localizadas junto a jazidas de sílex, à semelhança do registado no Calcolítico regional (ZILHÃO, 1994; CARVALHO, 1995/96; FORENBAHER, 2007) e, tal como também observado nesse período, terem integrado redes de circulação de objectos no contexto das quais terão sido importadas para o Casal da Torre.
2. Uma outra alternativa — porventura demasiado arrojada, se se considerar a precariedade dos nossos conhecimentos sobre o contexto geral em que decorre o talhe da pedra durante a Idade do Bronze — é a possibilidade de as lâminas robustas serem reaproveitamentos de material calcolítico recolhido na superfície de sítios desta época, no que se conformaria, a verificar-se no futuro esta hipótese, como uma estratégia expedita de aquisição de utensílios multifuncionais. E, de facto, no topo aplanado da vertente a poente do Casal da Torre conhece-se um sítio arqueológico de provável cronologia calcolítica que poderia ter suprido as necessidades em lâminas robustas do grupo que viria a estabelecer-se posteriormente na depressão adjacente.

3. CONCLUSÕES: TALHE DA PEDRA E METALURGIA NA IDADE DO BRONZE, UMA RELAÇÃO A TERMO CERTO?

Uma das realidades estruturantes da primeira Idade do Bronze na Estremadura consiste na drástica redução do número de contextos arqueológicos conhecidos, processo que decorre a par a sua menor visibilidade na paisagem, de que o próprio Casal da Torre, consideradas as características da sua implantação, é bom exemplo. Tal como assinalado por diversos autores, essas transformações ocorridas com o termo do Calcolítico estarão a reflectir uma quebra demográfica, apesar da ocupação em (aparente) continuidade de alguns importantes povoados, tais como Vila Nova de S. Pedro ou Zambujal. Infelizmente são quase inexistentes os estudos especificamente orientados para a análise do impacto que essas transformações terão tido no povoamento e na organização social, na produção artefactual especializada e no funcionamento das redes de circulação de produtos, as quais estão sobejamente atestadas para o período precedente.

Deste modo, torna-se difícil avaliar, no estado actual da investigação, qual das duas hipóteses referidas no apartado anterior quanto à proveniência das lâminas de sílex será mais provável. A este título é importante, porém, referir que no sítio do Catujal os autores não referem a presença de lâminas, ou mesmo de qualquer artefacto em pedra lascada (CARDOSO & CARREIRA, 1993), ausência que tem paralelo, por exemplo, no povoado do Bronze do Sudoeste de Pessegueiro (Sines), onde as extensas escavações permitiram apenas a recolha de elementos de foice em sílex, o que levou os autores da escavação a concluir ser “[...] notável a escassez de utensílios líticos [...]” (SILVA & SOARES, 1981, p. 171). Inversamente, a descrição feita por M.V. Natividade do contexto da Idade do Bronze por si escavado na Gruta IX das Redondas (Alcobaça) refere a existência de duas lâminas de sílex associadas a um importante conjunto cerâmico e metálico desta época (NATIVIDADE, 1899/1903); do mesmo modo, no Agroal (Tomar) existe uma produção laminar em sílex a partir da qual terão sido produzidos uma ponta de seta e um elemento de foice, debitagem que aliás ocorria em paralelo com o talhe de seixos de quartzito (LILLIOS, 1993), tal como no Casal da Torre.

A razão para as diferenças assinaladas acima poderá residir num acesso diferenciado a matérias-primas com aptidão para o talhe que terá, por sua vez, determinado a presença (e o modo em como tal presença se manifesta) de pedra lascada nos diversos contextos arqueológicos. Este acesso diferenciado a matérias-primas líticas deverá estar relacionado com as transformações acima referidas no que respeita às novas estratégias de ocupação do território emergentes com o Bronze Pleno; ou seja, dever-se-á a um fenómeno de natureza socioeconómica: o colapso, pelo menos parcial, das redes de circulação inter-regional de lâminas em sílex e a circunscrição da produção lítica ao âmbito doméstico para auto-consumo — portanto, não especializado — e com base apenas nas litologias mais facilmente acessíveis.

Esta hipótese interpretativa vai, portanto, ao encontro da proposta formulada por J.C. Senna-Martínez para explicar o contexto social de produção metalúrgica nesta época, segundo a qual é evidente “[...] o seu cariz eminentemente doméstico, para auto-consumo e sem que se vislumbre em qualquer das áreas peninsulares uma qualquer aproximação a uma circulação de tipo mercantil, tudo concorre para que consideremos tais produções como assumindo essencialmente o cariz de «bens de prestígio» sem qualquer valia técnica” (2007, p. 121). Embora não deva ser rejeitado, o último aspecto da citação parece dever ser matizado, pois a produção metalúrgica da primeira Idade do Bronze é ainda, salvo algumas excepções (por exemplo, as armas), maioritariamente constituída por instrumentos de trabalho cujo desempenho funcional não seria de todo inoperante, apesar de fabricados em cobre arsenical. Só assim se explica a quase omnipresença de artefactos fabricados neste metal na generalidade dos sítios desta época (como é também o caso do Casal da Torre, como se referiu no início), e não somente em contextos arqueológicos que se poderiam considerar de excepção.

No prosseguimento da investigação, há portanto que buscar indicadores comparativos da relação funcional entre artefactos metálicos e líticos — um tema insistentemente mencionado mas nunca desenvolvido na investigação arqueológica no nosso País —, uma vez que ao longo da Idade do Bronze estremenho essa relação parece de facto existir e assumir contornos significantes, nomeadamente no que respeita às razões que estarão na base do termo da produção de utensílios em pedra lascada.

Com efeito, se no Bronze Pleno da Estremadura ainda ocorre com alguma frequência a prática do talhe da pedra, limitada às novas condições de produção acima referidas, é muito sintomático o fenómeno observado no decurso do Bronze Final desta região no respeitante aos instrumentos agrícolas. Efectivamente, a divulgação alargada que os artefactos em bronze agora registam parece ter, finalmente, conduzido à cessação da produção lítica, sendo a única excepção constituída pelas foices compósitas, fabricadas com cabo de madeira e elementos cortantes em sílex, que abundam nos casais agrícolas da Baixa Estremadura datados da fase inicial do período. Estes utensílios estão notavelmente representados pelos materiais líticos recuperados na Tapada da Ajuda, em

Lisboa (CARDOSO *et al.*, 1980/81; CARDOSO, 2004), cujas cadeias operatórias se afiguram, como um tema de estudo importante a realizar no futuro.

Ao que tudo indica, será apenas com o surgimento posterior das foices em bronze de tipo Rocanes, na segunda fase do Bronze Final, que as foices compósitas deixarão de ser produzidas: “[n]a Estremadura, só então se teria procedido à substituição das foices de madeira com elementos denticulados em sílex, os quais, como se viu anteriormente, eram de uso generalizado ainda na etapa inicial do Bronze Final, o que se explica por duas razões principais: a facilidade de obtenção local de sílex; e a dificuldade e, sobretudo, o custo, de obter o cobre e o estanho necessários para a confecção deste tipo de artefactos, obviamente dispendiosos” (CARDOSO, 2004, p. 187).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, J.L. (2004) – *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 12).
- CARDOSO, J.L.; CARREIRA, J.R. (1993) – Le Bronze final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *1.º Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica*, 2. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Mediterrâneo; 2), p. 193-206.
- CARDOSO, J.L.; CARREIRA, J.R.; PEIXOTO, F.; FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. VI-VII, p. 117-148.
- CARVALHO, A.F. (1995/96) – O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri, 3/4, p. 41-60.
- CARVALHO, A.F. (2004) – O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 185-220.
- CARVALHO, A.F.; BRAGANÇA, F.; NETO, F.; JUSTINO, L. (1999) – O sítio da Idade do Bronze “Pleno” do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri, 5, p. 63-81.
- CARVALHO, A.F.; VALENTE, M.J. (2005) – Novos contextos coníferos pré-históricos na Costa Vicentina. *2.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb; 5), p. 9-26.
- FORENBAHER, S. (2007) – Lithic production at Casas de Baixo and the prismatic blades of the Portuguese Neolithic. *IV Congresso de Arqueologia Peninsular. From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 7), p. 231-244.
- LILLIOS, K.T. (1993) – Agroal and the Early Bronze Age of the Portuguese Lowlands. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, II. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 33/3-4), p. 261-291.
- NATIVIDADE, M.V. (1899/1903) – Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. *Portugália*. Porto. 1:3-4, p. 433-474.
- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. (2007) – Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na fachada atlântica peninsular. In CARDOSO, J.L., coord. – *A Arqueologia portuguesa e o espaço europeu*:

balanços e perspectivas. Actas do Colóquio. Lisboa / Oeiras: Sociedade de Geografia de Lisboa / Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 15), p. 119-134.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines.* Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa: Colibri, 2, p. 35-46.